

As narrativas construídas por jovens de Mariana a partir da leitura crítica da mídia¹

Marta Regina Maia²

Universidade Federal de Ouro Preto

Monique Ferreira Campos³

Universidade Federal de Ouro Preto

Suzane de Almeida Pinheiro⁴

Universidade Federal de Ouro Preto

Igor Oliveira Martins⁵

Universidade Federal de Ouro Preto

Jean Henrique Lourenço Silva⁶

Universidade Federal de Ouro Preto

João Carlos de Belli Mattos⁷

Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo

A articulação entre mídias e processo de aprendizagem perpassa a contemporaneidade, assinalada pela intensa presença das tecnologias de comunicação nas práticas, em especial, das crianças e jovens. Esse processo nos faz refletir sobre a necessária relação entre atividades de leituras críticas da mídia e seus desdobramentos, que consigam contribuir para a problematização entre as relações de trocas comunicativas no interior da sociedade. A partir dessa visão, apresentamos os objetivos do projeto de extensão "Núcleo de Leitura Crítica da Mídia e Narrativas Convergentes", que indicam a necessidade de articulação entre leitura crítica e produção em comunicação a partir de uma metodologia dialógica, participativa e interativa. Os resultados iniciais demonstram que a comunicação nessa perspectiva pode promover transformações nas ações e compreensões das crianças e adolescentes envolvidos nas atividades extensionistas.

Palavras-chave

Mídia; crítica; juventude; narrativas; extensão.

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã - O direito à comunicação na luta por uma cidadania ativa, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Juiz de Fora, Minas Gerais, de 25 a 27 de outubro de 2017.

² Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutorado em Comunicação pela Universidade de São Paulo e Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Líder do Grupo de Pesquisa "Jornalismo, Narrativas e Práticas Comunicacionais" (JorNal/CNPq). Uma das coordenadoras da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami). Orientadora de Projetos de pesquisa sobre narrativas jornalísticas e colaboradora do projeto de extensão "Núcleo de Leitura Crítica da Mídia e Narrativas Convergentes".

³ Técnica de Laboratório do curso de Jornalismo da UFOP nas áreas de Fotografia e Planejamento Visual. Atualmente coordena o projeto de extensão "Núcleo de Leitura Crítica da Mídia e Narrativas Convergentes". Mestre em Comunicação e Identidades pela UFJF e jornalista graduada na mesma instituição.

⁴ Bolsista do Projeto de Extensão Núcleo de Leitura Crítica da Mídia e Narrativas convergentes.

⁵ Bolsista do Projeto de Extensão Núcleo de Leitura Crítica da Mídia e Narrativas convergentes.

⁶ Bolsista do Projeto de Extensão Núcleo de Leitura Crítica da Mídia e Narrativas convergentes.

⁷ Voluntário do Projeto de Extensão Núcleo de Leitura Crítica da Mídia e Narrativas convergentes.

Introdução

O projeto de extensão da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) intitulado "Núcleo de Leitura Crítica da Mídia e Narrativas Convergentes" visa contribuir para o debate sobre mídia, cultura e sociedade entre crianças e jovens participantes do Centro de Referência à Infância e Adolescência (CRIA) no município de Mariana/MG, de forma a atuarem como leitores críticos e produtores de comunicação. O objetivo é ofertar uma série de oficinas e minicursos em que os jovens trabalham linguagens, técnicas e tecnologias de comunicação, configurando assim uma perspectiva de narrativa convergente. Ao mesmo tempo, essas ações são incorporadas ao debate sobre mídia e cidadania ativa, incluindo as perspectivas da vida em comunidade, participação política e direito à informação, além do estímulo à expressividade e experimentação.

O projeto integra o Programa de Extensão da UFOP "Sujeitos de suas histórias". Trata-se de um conjunto de ações vinculadas que situa comunidades da cidade de Mariana como protagonistas na produção e circulação de narrativas (verbo-visuais, audiovisuais, lúdicas, etc.) que desvelam e resgatam cotidianos, histórias e memórias de lugares, pessoas, afetos, em busca de captar e construir identidades e imaginários, bem como desconstruir preconceitos e propor imaginários alternativos. São ações ligadas ao jornalismo cidadão e à construção de narrativas que têm, como base, a comunicação como direito humano, prática social e dimensão fundamental da vida.

Seguindo a linha dos Estudos Culturais é possível dizer que as diversas mediações existentes na sociedade podem contribuir para a ressignificação do que é transmitido pelos inúmeros discursos sociais, entre eles, o da mídia. No que diz respeito aos jovens, é importante observar como ocorre esse processo de apropriação do discurso imagético e jornalístico, a sua expansão no campo de ensino/aprendizagem e a atuação dos diversos mediadores dentro deste processo comunicacional e também de formação da identidade e reconhecimento das diferenças.

A atuação dos jovens como produtores de notícias e imagens os auxiliam a desenvolver uma leitura crítica dos produtos apresentados pela mídia, bem como um conhecimento próprio sobre comunicação. Trata-se de reflexão e, conseqüentemente, de apropriação de técnicas e linguagens. Com isso, visamos o fortalecimento do sentido de cidadania e estímulo à construção de discursos que venham a disputar lugar no campo das representações sociais e da identidade da infância e adolescência.

Esse projeto de extensão dá continuidade às atividades já desenvolvidas com os jovens do CRIA durante os anos de 2011, 2012, no segundo semestre de 2014 e em 2015, conforme será descrito no tópico sobre Metodologia. De todo modo, é preciso registrar que o Centro de Referência à Infância e Adolescência (CRIA) de Mariana-MG é mantido pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

junto à Prefeitura do Município. O CRIA possui um amplo espaço formado por blocos de salas de aula, quadra, piscina e salas específicas para cursos e minicursos técnicos (como o salão escola e a padaria escola). Crianças e adolescentes com idades entre 6 e 17 anos podem participar de atividades educacionais, culturais, esportivas e de lazer dentro desse espaço. E é partir desse lugar que refletiremos sobre os processos midiáticos protagonizados por jovens que utilizam as novas tecnologias disponíveis na internet, bem como as mídias locativas (notadamente o celular) e ainda “assumem o caráter midiático de suas existências, seja usando o corpo como suporte expressivo, seja utilizando a cidade como suporte para inscrição de suas marcas identitárias” (BORELLI E OUTROS, 2009, p. 15).

Mídia e juventude hoje

Temos em mente que a cultura das redes é um fenômeno típico deste século, em que as interações ocorrem, de maneira intensa pelas redes sociais. Isto posto, compreendemos também que esse tipo de interação não exclui a relação face a face entre os sujeitos em sociedade, mas traduzem um sentimento de exposição deliberada e acentuada. É sintomático que a palavra *selfie* (diminutivo de *self-portrait*, em inglês) tenha sido eleita a palavra do ano de 2013 pelo dicionário Oxford. A palavra, segundo o dicionário na versão online, quer dizer: "Uma foto que a pessoa tira dela mesma, geralmente com um smartphone ou uma webcam, e publica em uma rede social", ou seja, um autorretrato. Esse fenômeno indica que algumas posturas narcisistas que permeiam as ações cotidianas dos jovens na contemporaneidade cabem na medida de seu próprio eu. O esgarçamento das relações institucionais conduz a comportamentos de valoração exacerbada de autorrealização (COSTA, 2004). As instituições sociais como a família, escola, religião, entre outras, servem como instrumentos para a obtenção desse fim, mas deixam de ser referências para a ação cotidiana. Se, por um lado, essa visibilidade expõe de maneira individual, por outro, também contribui para a identificação com o outro.

Esse diagnóstico, contudo, não pode servir como pretexto para o refreamento de ações no sentido de descortinar o papel do jovem enquanto agente de comunicação. É preciso estimular a construção de identidades e imaginários sobre a infância e juventude que sejam representações alternativas às hegemônicas da mídia. A atuação consistente e crítica sobre esses processos contribuem para uma leitura crítica da mídia no interior da sociedade brasileira.

É preciso, contudo, questionar visões maniqueístas, que apresentam os meios de comunicação somente por um viés de manipulação, que direciona a vida das pessoas de forma unívoca. Por outro lado, também não podemos dizer que o indivíduo tem total liberdade de escolha e não sofre qualquer tipo de influência das instituições mediadoras da sociedade (MAIA, 2016, p. 140).

Estes novos olhares sobre certas situações podem convergir para leituras mais plurais do real e novas formas de acessar os diversos tipos de escrita e representações sociais, como afirma Jesus Martín-

Barbero e Germán Rey: “é por essa pluralidade de escritas que passa, hoje, a construção de cidadãos, que saibam ler tanto jornais como noticiários de televisão, videogames, vídeos, vídeos e hipertextos” (2001, p. 62).

Metodologia de trabalho

Consideramos fundamental concebermos uma metodologia que articule os diversos conhecimentos e consiga despertar o indivíduo para a complexidade que o universo comunicacional e o campo das ciências humanas encerram na atualidade. Esta concepção, entretanto, não deve buscar uma teoria unitária, simplificadora, em detrimento da produção específica. Ela deve conservar a circularidade do conhecimento, entendendo, como afirma Edgar Morin (1977), que "conservar a circularidade... é respeitar as condições objectivas do conhecimento humano, que comporta sempre, algures, paradoxo lógico e incerteza". Nesta perspectiva, avaliamos que os procedimentos metodológicos devem possibilitar a participação de todos os indivíduos e grupos envolvidos com o intuito de se realizar, inicialmente, um diagnóstico do repertório cultural dos envolvidos. Como nos ensina Paulo Freire (1987) acreditamos em uma metodologia dialógica, em que os envolvidos no Projeto possam entender as ações como práticas libertadoras e cidadãs.

Antes, entretanto, de adentrarmos nas atividades referentes ao ano de 2017, faremos uma breve descrição das ações que já foram desenvolvidas nessa mesma perspectiva. Iniciamos os trabalhos nesse espaço em 2011, com a produção de um diagnóstico da comunidade para conhecê-los melhor. Incluímos, na produção, elementos que remetessem ao cotidiano dos jovens participantes, transmitindo a eles um pouco da visão jornalística, portanto crítica, da realidade na qual estão inseridos, trabalhando, inclusive, os direitos da criança e do adolescente. No espaço Casa do Amanhã Monsenhor Vicente Dilácio (RECRiAvida), trabalhamos com os idosos uma forma de compartilhar as lembranças de vida por intermédio de um programa radiofônico denominado “Rádio RECRiA”, que uniu as histórias individuais às músicas do próprio coral do espaço. O projeto fez ainda uma conexão entre jovens e idosos (CRiA e RECRiAvida), em um processo de construção da memória – processos estes que revelam, no caso dos idosos, uma história social um pouco mais definida, e, no caso dos jovens, uma história ainda em curso, em geral marcada por batalhas internas e contradições de um presente muitas vezes doloroso, que pavimenta o caminho para a formação da identidade e reconhecimento das diferenças no espaço social. A concretização deste projeto ocorreu por intermédio de várias oficinas, entre elas: “Que som você CRiA?”, “Que notícia você CRiA?”, “Varal da Cidadania”, “Produção audiovisual”, “Curso de fotografia”, ministradas no CRiA, e “Rádio RECRiA”, “Como se faz um jornal” e “Traga uma fotografia e conte uma história”, ministradas no RECRiAvida.

Demos continuidade à extensão em 2012, A partir dos pressupostos apresentados anteriormente, foram trabalhados três eixos temáticos no campo da leitura: a) Leitura crítica da mídia a partir dos temas “Educação e Trabalho”, com a interação do Programa Caleidoscópio; b) Leitura crítica de filmes também relacionados ao tema central do Programa; c) Produção de vídeos por parte dos jovens em contato com os idosos no sentido de captar histórias de vida da comunidade d) Produção de programas de rádio; e) Produção de manifestações artísticas diversas, articuladas a partir das necessidades e desejos da comunidade participante do Núcleo. Houve uma paralisação do Projeto em 2013 em função de problemas burocráticos, entretanto, em 2014, ele foi retomado a partir especialmente das atividades voltadas ao campo fotográfico. Em 2015 seguiu nessa mesma perspectiva, com o envolvimento das crianças e adolescentes no processo de produção de imagens sobre o entorno, em uma clara alusão a importância de conexão com o espaço local, lugar de convivência cotidiana de todas e todos. Novamente, no caso, por conta do crime ambiental ocasionado pela mineradora Samarco, o espaço do CRIA acabou sendo destinado para depósito de doações e, nesse sentido, o Projeto não foi desenvolvido em 2016. Chegamos então em 2017, conforme segue o relato a seguir.

O "Núcleo de Leitura Crítica da Mídia e Narrativas Convergentes" desenvolve, neste ano de 2017, uma oficina semanal dentro do CRIA com duas turmas; uma na quinta-feira à tarde (para as crianças que estudam de manhã) e outra na sexta-feira de manhã (para as crianças que estudam à tarde). A oficina, cujo nome é "Mídia CRIativa e Cidadania", traz um calendário de atividades que incluem o aprendizado de linguagens e técnicas, a experimentação, além de um constante debate e o exercício de crítica da mídia. A oficina é realizada dentro do próprio CRIA, sendo que algumas ações estão previstas para acontecer no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da UFOP, de forma a aproximar os jovens do ambiente universitário.

Além do que já dito, temos como base a noção de autonomia do sujeito como tão bem apresenta Paulo Freire:

É preciso, sobretudo, e aí vai já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (1996, p. 24-25).

Descrição das etapas desenvolvidas

O Projeto Mídia Criativa e Cidadania é composto por variadas etapas de processos educativos, trabalhados no viés da comunicação social, com a finalidade de promover reflexões críticas midiáticas pelos nossos educandos. Dessa forma, as atividades que ocorrem com crianças e jovens de 7 até 15 anos são desenvolvidas gradativamente para que haja conhecimento ou reconhecimento das

ferramentas de multimídias que usamos durante as aulas. Como parte essencial do cronograma do projeto de extensão, realizamos não só pesquisa bibliográfica como também estudos sobre experiências didáticas que nos inspiram na realização das oficinas de crítica da mídia e narrativas convergentes. Buscamos ultrapassar a partilha de conhecimentos técnicos, agregando, em cada encontro com as crianças e jovens durante as oficinas, reflexões sobre como a comunicação se instaura nas relações sociais e estão presentes no cotidiano da comunidade.

Inicialmente, estabeleceu-se contato preliminar, para os que não conheciam, com a rede social Facebook em uma gincana que teve o intuito de “quebrar o gelo” e também de proporcionar experiências de falar de si e falar do outro. Através de cartazes em cartolina com o design da página inicial do Facebook desenhada, adotamos no topo do papel a pergunta: “Como você está se sentindo?”, uma ferramenta comum da rede social. Assim, concedemos a ideia de preencher, com escrita e fotos recortadas de revistas, um perfil da turma com filmes, músicas e frases que eles gostam. O intuito dessa dinâmica é conhecer os educandos, para que possa ser executado um trabalho divertido e frutífero a partir do que é proposto no projeto.

Para despertar um olhar crítico sobre o enquadramento, necessário para a noção de composição da imagem fotográfica e em vídeo, utilizamos ilustrações de artistas brasileiros. A atividade constitui em escolher uma cena entre as várias contidas nas ilustrações, que foram impressas e entregues para os educandos. Eles fizeram os recortes como se estivessem fotografando, escolhendo o enquadramento a partir de um visor feito com palitos de picolé. Em seguida, debatemos os motivos das escolhas das cenas, assim como o processo de recorte, da edição de imagem, até mesmo o poder comunicacional contido na tarefa cotidiana de enquadrar.

Seguindo esse modelo, ensinamos as noções de Plano Geral, Plano Médio, Primeiro Plano e Plano Detalhe através de uma moldura de papelão em que os alunos tiveram que se deslocar para conseguir simular uma fotografia de todos os colegas, de apenas dois colegas, de um colega com o recorte da cintura pra cima e de um detalhe escolhido pelo próprio aluno que estivesse com a moldura. Foi possível captar esses planos quando o escolhido a estar com a moldura se locomovia para frente ou para trás, até deixar a imagem desejada dentro do papelão.

No primeiro dia de uso da câmera fotográfica em campo, foi proposta às crianças uma dinâmica que também desperta a noção de composição. Dessa forma, os alunos teriam que captar uma imagem na perspectiva de diferentes animais, uma forma de se trabalhar com planos e ângulos de visão. Os que escolheram “a formiga”, fizeram fotografias deitados na grama; os que escolheram “o elefante”, subiram em bancos, rampas ou escadas; outros optaram pela perspectiva “do cachorro” e, assim, escolheram fotografar sentados ou ajoelhados, simulando a direção do olhar do animal. Após a captação dessas imagens, trabalhamos na edição das fotos digitais, quando as crianças aprenderam noções básicas

sobre recorte, brilho/contraste, nitidez, saturação, uso de filtros, trabalho com cores, dentre outras ferramentas de edição de imagens.

As experiências de leitura crítica da mídia acontecem durante cada etapa das oficinas que realizamos no CRIA/Mariana, porém promovemos ainda momentos específicos de debates – muitas vezes estes ocorrem a partir de questões apresentadas pelas próprias crianças – em que podemos aproximar elementos do fazer jornalístico, das possibilidades de construção das notícias e representação das identidades. Um dos temas de debate foi sobre os locais da comunidade ou fatos do cotidiano dos educandos que poderiam ser interessantes para uma reportagem. Eles comentaram sobre o que escreveriam, bem como o que fotografariam, e, posteriormente, fizeram a separação desses relatos entre “notícia positiva”, “notícia negativa” e denúncia.

Dessa forma, a escrita é praticada na criação de pautas e de roteiros com perguntas que eles julgaram importantes para saber mais do assunto debatido, assim como designaram as fontes a que essas perguntas seriam destinadas. O objetivo dessa atividade é não só possibilitar que os educandos externem suas inquietações em relação à comunidade e ao próprio fazer jornalístico como também refletir sobre as representações em disputa, os discursos que imperam e os que são silenciados. Iniciamos, assim, uma etapa da oficina que caminha metodologicamente no sentido do jornalismo colaborativo e da experimentação técnica e criativa.

As crianças e jovens participaram de exercícios de criação de roteiros e entrevistas dentro da própria sede do CRIA, com professores e monitores das diversas atividades que acontecem no espaço. Os alunos são separados em duplas ou trios para que desempenhem o trabalho em equipes durante todo o processo - na hora da definição da pauta, das perguntas, das possíveis fontes, e no revezamento entre repórter e câmera. Nessa etapa, trabalhamos tanto com a captação de imagens fotográficas quanto em vídeo.

Vale registrar que muitas crianças estão tendo contato com a produção fotográfica e audiovisual pela primeira vez. Muitos deles não possuem acessos a smartphones ou até mesmo computadores em casa, o que torna a oficina ainda mais empolgante para os participantes.

Além da edição fotográfica, trabalhamos também com atividades que apresentaram ferramentas de edição de vídeo. Com a introdução básica de vários recursos do aparato jornalístico, é interessante notar também que, apesar do interesse massivo em estar por detrás das câmeras, cada criança se destacou de diferentes formas na composição dos materiais: na roteirização/texto, cinegrafia, fotografia, edição e entrevistas.

A intenção da oficina é também a de proporcionar momentos de reflexão sobre o fazer jornalístico e o das questões que giram em torno do consumo de informações versus comunicação cidadã.

O projeto de extensão prioriza o exercício de resgate da memória da comunidade, do “ouvir o outro” enquanto técnica essencial da entrevista. Além disso, visa o trabalho em equipe de produção, onde há espaço para que os diferentes talentos e interesses apareçam.

Trabalhar a produção midiática com crianças e jovens é a todo momento um exercício de enxergar-se no outro. No decorrer da oficina Mídia Criativa e Cidadania, percebemos que a confiança é um dos principais fatores para que esse processo de percepção possa acontecer. A oficina lida diretamente com equipamentos atrativos como câmeras fotográficas e filmadoras, porém extremamente frágeis.

A liberdade do aluno de poder manusear o instrumento, sem a interferência direta de um tutor, foi de extrema importância para que pudéssemos estabelecer os primeiros laços de confiança. Após algumas recomendações, a câmera presa ao pulso ou envolta ao pescoço representava a autonomia e confiança do aluno, que decidia por contra própria como enquadrar uma cena ou retratar um personagem.

A intimidade com a câmera produz efeitos perceptíveis nos jovens. Nas dependências do CRIA, que conta com piscina e quadra de esportes, as câmeras fotográficas e de vídeo chamam a atenção e tiram as crianças até mesmo da aula de natação, uma das que têm maior público. É então que percebemos o desejo e a curiosidade provocados pela tecnologia. A câmera, objeto normal no cotidiano de estudantes de Jornalismo, se distanciava da realidade dessas crianças.

Ao estabelecerem contato com essa tecnologia, os primeiros pedidos convencionalmente eram para “tirar foto para o Facebook”, ou “gravar vídeos para o Youtube”. As possibilidades de ascensão e promoção social por meio da tecnologia são tentadoras para as crianças, já que muitas estão produzindo conteúdo pela primeira vez.

Percebemos então nesses jovens o desejo latente de se sentirem representados, e ainda, uma necessidade constante de se identificarem com o meio em que estão inseridos. Essa necessidade, traduzida através do apelo pelas redes sociais, nos mostra que suas atuais referências se deslocaram da comunidade para a internet. Porém, observamos que esse deslocamento não afeta negativamente a forma com que o jovem percebe e interage com seu cotidiano.

Ao produzirmos uma série de entrevistas com professores do CRIA, as perguntas elaboradas pelos alunos eram dotadas de sensibilidade, assim como sua abordagem. Durante o processo de preparação e treinamento para as entrevistas, a preocupação de um aluno em falar sobre “o assalto que aconteceu perto de casa”, nos mostra o caráter de apelo social que a mídia também ocupa nas vidas dessas crianças e jovens. De maneira semelhante, ao tirarmos fotografias a partir de uma parte alta do prédio, um aluno se concentrava em fotografar as pipas que voavam sobre a favela ao lado, ou a ponte mal cuidada situada ao lado da sede do CRIA.

Nesse sentido, a produção midiática também serviu para aguçar e materializar a percepção de mundo dos jovens. Presenciamos a criação de roteiros sensíveis, como um que se propunha a falar sobre as árvores, o vento e os pássaros. A partir do momento em que detêm o recurso e o mínimo conhecimento técnico, a criança consegue mostrar, através da produção do conteúdo, um pouco da forma como enxerga o mundo.

Considerações finais

Acreditamos que a atividade extensionista é parte integrante do processo de aprendizagem em uma perspectiva recíproca, ou seja, não temos a intenção de “levar conhecimento” para o outro; pelo contrário, acreditamos em um processo de aprendizagem mútua, em que a troca nos faz avançar rumo ao conhecimento compartilhado e transformador. Como nos ensina, mais uma vez, o educador Paulo Freire: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, (1987, p. 68). É a partir dessa visão que compreendemos a nossa atuação nesse processo. O ideal de compartilhamento somente acontece na esteira da alteridade, do acolhimento. Entendemos que as produções originadas desse projeto revelam identificações e diferenças que estão presentes em nosso cotidiano.

Isso nos diz sobre as diferenças que um trabalho desse tipo comporta. Não podemos, em nome do diálogo buscado, artificializar as relações com a comunidade. Compreendemos o caráter provisório desse processo, por um lado, mas igualmente entendemos que os lastros devem acontecer a partir da continuidade dos trabalhos justamente no ambiente interativo e propulsor de novas ideias e atitudes. Isso nos leva a refletir sobre a potência latente em projetos desse tipo. Como nos diz Julia Kristeva, o “reconhecimento recíproco, o encontro deve a sua felicidade exatamente ao provisório, pois os conflitos o dilacerariam se ele tivesse que se prolongar”. Pensamos assim no caráter permanente das atividades extensionistas, mas, ao mesmo tempo, expressamos nossa preocupação com o aspecto transitório – porque lidamos com sujeitos -, dessas ações.

Conforme já registrado em artigo publicado, “procuramos provocar discussões sobre os conteúdos midiáticos consumidos; como estes fazem parte da vida dos jovens e como estão diretamente ligados às concepções sobre realidade e identidade, a partir do que a mídia potencializa em termos de discursos e processos sociais” (CAMPOS, MAIA, 2016, p. 11). Salientamos que atividades de leitura crítica da mídia apresentam desdobramentos mais produtivos quando acompanhadas de produções práticas que evidenciam, para os envolvidos, como as narrativas podem ser construídas em face de determinados olhares para a realidade.

O uso de uma metodologia de recepção cidadã, como a proposta por esse projeto, contribui para a reflexão sobre a produção jornalística e comunicacional que está sendo produzida atualmente e ainda ajuda a refletir sobre o mito da neutralidade das produções midiáticas, visto que a concentração dos meios de comunicação é muito acentuada. Na medida em que fazemos uma leitura mais crítica do real, de alguma maneira, estamos contribuindo para a ampliação do direito à comunicação dos sujeitos em sociedade.

Referências

BORELLI, Sílvia H. S. e outros. **Jovens na cena metropolitana: Percepções, narrativas e modos de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CAMPOS, Monique F.; MAIA, Marta R. Leitura crítica da mídia e narrativas audiovisuais: experiência de jovens no município mineiro de Mariana. **Experiência**, Santa Maria, UFSM, v. 2, n. 1, p. 4-13, jan./jul. 2016.

COSTA, Jurandir F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MAIA, Marta R. Juventude e conexões midiáticas. In: Cláudia Braga de Andrade; Margareth Diniz; Carla Mercês da Rocha Jatobá Ferreira. (Org.). **Juventudes e o Mal-Estar na Contemporaneidade**. 1ªed., Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 129-144.

MAIA, Marta; RODRIGUES, Hila; Juventude, imagem e som: recriando narrativas audiovisuais. In: Rocha, Adriano Medeiros da et al. **Audiovisual e Juventude**. Ouro Preto: UFOP, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidade da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús e REY, Germán. **Os exercícios do ver: Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.